

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 01. MEMORANDO DO P. LE VAVASSEUR SOBRE O PROJETO DA OBRA DOS NEGROS, Apresentada ao P. Gallais, sulpiciano (1 de Julho de 1839)

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 01. MEMORANDO DO P. LE VAVASSEUR SOBRE O PROJETO DA OBRA DOS NEGROS, Apresentada ao P. Gallais, sulpiciano (1 de Julho de 1839). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/77>

This IV is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

**1. MEMORANDO DO P. LE VAVASSEUR  
SOBRE O PROJETO DA OBRA DOS NEGROS**  
*Apresentada ao P. Gallais, sulpiciano <sup>214</sup> (1 de Julho de 1839)*

*A pedido do P. Gallais<sup>215</sup>, seu acompanhante espiritual no Seminário de São Sulpício, Frederico Le Vavas seur, seminarista da ilha de Bourbon (atual Reunião) expõe o projeto da Obra dos Negros para o serviço das populações negras da sua ilha e da ilha do Haiti, terra natal de Eugénio Tisserant, seu discípulo. Este “projeto” inclui as recomendações que lhe foram feitas por Libermann no dia 8 de Março desse ano. Portanto, o documento dá-nos a conhecer as intuições iniciais da obra, às quais Libermann aderiu inteiramente.*

Creio que em Bourbon haverá umas quinze ou dezasseis igrejas; cada igreja está rodeada de um certo número de casas ou pequenas propriedades, que formam o que se chama nessa terra um bairro, que por sua vez é o centro de muitas outras propriedades, quase todas de maiores dimensões.

Cada igreja está provida, no melhor dos casos, de um sacerdote com o seu vigário, até agora a serviço exclusivo dos brancos. Ocupam o tempo em visitas aos doentes, o que os obriga, normalmente, a percorrer grandes distâncias para a administração dos sacramentos; aos domingos, há um reduzido número de fiéis que vêm à igreja, grande parte dos quais habita perto dela; por vezes a este número juntam-se outros vindos de mais longe, que vêm trazer as suas esposas à igreja, quando estas ainda possuem alguns sentimentos religiosos.

Mas, creio poder afirmar que entre os habitantes há muitos que vivem como se não existisse nem igreja nem pároco, uma vez que o pároco nunca os visita, decerto por falta de tempo, e eles nunca ou quase nunca põem os pés na igreja porque, no geral, estão pervertidos e, por conseguinte, afastados da prática da religião. Desta maneira, o pároco só exerce verdadeiramente o seu ministério sacerdotal servindo as pessoas piedosas que vêm à igreja, quer dizer uma parte muito pequena da população do bairro. Este ministério é quase nulo, quer para aqueles que só vêm de vez em quando à igreja e que, normalmente, não cumprem o preceito pascal, quer para aqueles que nunca vêm.

<sup>214</sup> ND II, pg. 63-67.

<sup>215</sup> Cf. índice onomástico.

*Antologia Espiritana*

Felizes uns e outros quando à hora da morte pedem a visita do pároco e conservam ainda alguns poucos conhecimentos.

No que diz respeito aos negros, muitíssimo mais numerosos que os brancos, nem os párocos nem os seus vigários se ocupam deles. A única preocupação dos patrões, todos eles sem religião, é conseguir o Maior rendimento material possível dos negros, de maneira que esta gente, já de si miserável, vive sem a mínima instrução religiosa. A sua ignorância é total e não sei se, em cada dez pessoas, haverá três ou quatro que saibam fazer o sinal da cruz.

Depois de contactar um pouco com os habitantes desta terra, ficamos convencidos de que se houvesse um punhado de homens apostólicos que se decidissem a oferecer-lhes o pão da Palavra divina, eles o guardariam para o resto da sua vida, porque, apesar da corrupção generalizada de costumes, entre eles há um gérmen de fé, uma disposição para acreditarem, de tal maneira que a semente que porventura se lançasse nos seus corações não deixaria de produzir frutos preciosos. Parece-me que podemos dizer que se não têm fé nem piedade é porque não têm padres.

Se fôssemos capazes de nos convencer do estado real das coisas nestes lugares, fazer uma ideia exata destas terras, dos costumes de brancos e negros, concluiríamos que a única maneira de os salvar é criando uma associação de homens apostólicos, que seriam como que suplementos e servos dos párocos.

Seria preciso que estes homens estivessem unidos num só corpo por uma Regra e sob a orientação dum superior; que dispusessem de uma casa onde se reunissem frequentemente para recuperar o seu zelo e o seu fervor e donde partissem novamente para evangelizar os brancos e negros que não têm qualquer relação com os párocos.

Antes de mais, estes missionários são absolutamente necessários para os negros; é que para instruir os negros ou se vai ter com eles, a casa dos patrões, ou se fica à espera que eles mesmos venham ter com os padres à residência paroquial; mas pensar que estes pobres infelizes o possam fazer é pura utopia<sup>216</sup>.

<sup>216</sup> “A experiência demonstrou que aquilo a que o P. Le Vavas seur chama utopia é precisamente o meio que se deve empregar para agir de maneira adequada com os negros. Ao ir instruí-los nas fazendas de Bourbon, esbarrou-se com muitas dificuldades; teve-se êxito quando se começou a fazer que eles fossem às capelas”. (anotação – inserida como nota de rodapé no texto transcrito em ND II - que parece ser da mão do próprio P. Le Vavas seur).

*Congregação do Espírito Santo*

Só há uma solução: ir ter com eles para os instruir.

Estes missionários são também indispensáveis para os brancos que não vêm à igreja; o único meio que pode oferecer alguma esperança de os instruir e conquistar é ir ao encontro deles, oferecer-lhes a palavra da vida, mesmo dando a entender que só vamos para instruir os negros.

Uma outra razão que faz com que os missionários sejam absolutamente necessários à ilha de Bourbon é o pequeno número de igrejas ali construídas. A Maior parte das propriedades, devido à sua extensão, ficam muito afastadas; nunca conseguiremos convencer brancos e negros de que aos domingos têm de levantar-se e pôr-se a caminho da igreja para participar na Santa Missa. Há necessidade urgente de construir outras pequenas igrejas ou capelas entre as já existentes; os missionários, aos domingos, binariam, e poderiam pregar nas capelas onde porventura não tivessem podido celebrar a santa Missa; assim teriam sempre uma possibilidade de fazer santificar o domingo e uma ocasião de dar instrução religiosa. Esta multiplicação das capelas é indispensável sobretudo para conseguir que os patrões enviem as suas crianças e as crianças negras à catequese aos domingos. Porque querer escolher um estabelecimento ou uma propriedade particular como lugar de encontro para as crianças ou para os adultos que se estivessem a preparar para a Primeira Comunhão seria expor-se a desavenças uma vez que todos iriam querer que a sua casa fosse a preferida; em tais circunstâncias não seria possível fazer as coisas de acordo com a dignidade e as exigências da catequese da Primeira Comunhão.

Para que os missionários sejam bem sucedidos nesta missão tão maravilhosa, é preciso que adotem um género de vida ainda mais pobre e mais austero que o dos negros; se estes constatarem que os seus missionários levam uma vida mais confortável que a deles, não os escutam; aliás, Nosso Senhor, para se sentir no direito de pregar a pobreza e a mortificação, quis nascer numa manjedoura e morrer na cruz.

É preciso que eles se decidam a amar, a acarinhar os negros como seus irmãos e seus filhos, e que a amizade e ternura para com eles superem muito em afeto as suas relações com os brancos. É preciso que convivam de tal maneira com os negros que se pareçam com eles, até no desprezo por parte dos outros brancos; porque, embora esta familiaridade, estas relações íntimas e

*Antologia Espiritana*

afetuosas, esta solicitude para com os negros gerem de início o desprezo de algumas pessoas arrogantes, com o tempo acabarão por merecer a veneração profunda de todos, tal como aconteceu com o P. Claver: ele descuava os grandes de Cartagena para servir os seus pobres negros, e os grandes, apesar do seu orgulho, veneravam-no.

Se os párocos conseguem tão pouco, nada, a bem dizer, entre os negros, isso deve-se a que não são para eles nem pais nem irmãos; é preciso que qualquer negro olhe para o missionário como um dos seus amigos de confiança, e isso pode dar-se sem quebra do respeito que os missionários devem saber inculcar no coração dos negros. Pode-se respeitar alguém e ao mesmo tempo amá-lo e alimentar uma confiança filial para com ele; para isso basta mostrar-se como um pai, um irmão e um amigo todo dedicado. É preciso que o comportamento dos missionários para com os negros seja tal que estes pobres se convençam que um missionário se daria por feliz se tivesse de morrer para os livrar de qualquer malefício, de qualquer sofrimento. Desta maneira eles terão absoluta confiança neles. É preciso que os missionários os amem de maneira apaixonada em Nosso Senhor, tal como Jesus, nosso Mestre divino nos amou na cruz e continua a amar-nos no Santíssimo Sacramento, ou como a mãe que ama apaixonadamente os seus filhos. Como persuadi-los a amar assim, se, etc. [sic].

Os missionários poderiam muito facilmente construir para si um pequeno conjunto de cubatas humildes parecidas às dos negros; no meio destas cubatas ficaria a capela, e seria lá que todos se juntariam muitas vezes para se renovarem na santidade e no fervor. Depois, iria cada um para seu lado, de casa em casa, como fazia o P. Claver.

A situação dos negros na ilha de França<sup>217</sup> e nas outras colónias francesas é exatamente a mesma da ilha de Bourbon, com a única diferença que nas colónias da América os negros parecem ser mais inclinados à devoção. Há muitas possibilidades de se fundarem nestas terras congregações e conventos. Os missionários, caso fossem enviados para Bourbon, poderiam até, com a ajuda de Deus, abrir uma missão importante em Madagascar, talvez uma das mais capazes de em nossos dias desafiar o zelo de homens apostólicos.

Sobre o projeto da Missão na ilha de Bourbon, parece que o melhor que

<sup>217</sup> Antigo nome da ilha Maurícia.

*Congregação do Espírito Santo*

---

temos a fazer, por agora é :

1º - Apresentar o plano à Propagação da Fé, expondo-lhe em detalhe a situação dos negros na Colónia;

2º - expor-lhe, depois, o género de vida que os missionários pretendem abraçar; realçar a necessidade absoluta deste género de vida e, por conseguinte, sublinhar a quase impossibilidade de encontrar entre a generalidade dos padres homens capazes de empreender esta missão;

3º - em seguida, se a Propagação da Fé quiser autorizar esta obra, os missionários, uma vez conseguido o acordo dos respetivos bispos, colocar-se-ão totalmente à disposição dela e apresentar-lhe-ão as Regras que pretendem seguir (sem dizer se elas são ou não são as do P. Eudes). Escolherão um dentre eles, se ela assim o entender, que irá receber ordens a Roma para ser enviado com os seus padres para a colónia que ela indicar.

Uma vez obtidas a licença e a autorização de Roma, daríamos a conhecer o projeto, as vocações começariam a aparecer e, enquanto regularíamos as nossas coisas, se ia a Roma, etc., os missionários entrariam nos Eudistas para ali fazerem o seu noviciado de um ou dois anos, tal como acontece em São Sulpício, na casa da “Solidão”.

*Frédéric Le Vasseur*